

Educação Física como (viés) conhecimento para percepção e combate ao *bullying* no Ensino Fundamental - anos finais

Raul Rabello Ordakowski

Centro Universitário Unilasalle Lucas do Rio Verde – MT

 0000-0003-3651-5594

22910314@unilasallelucas.edu.br

Moacir Juliani

Centro Universitário Unilasalle Lucas do Rio Verde – MT

 0000-0002-9940-937X

moacir.juliani@unilasallelucas.edu.br

Nádia Ligianara D. Nyari

Centro Universitário Unilasalle Lucas do Rio Verde – MT

 0000-0003-0237-5116

nadia.nyari@unilasallelucas.edu.br

Resumo: O *Bullying* são comentários maldosos com o intuito de ridicularizar o indivíduo por suas diferenças, com a peculiaridade de ser por prazer e diversão. A aula de Educação Física está entre as aulas preferidas da maioria dos alunos, por ser um momento de descontração, diversão e liberdade, desse modo é o ambiente perfeito para o surgimento de novos casos relacionados ao *Bullying*. Mediante esta concepção, a questão que move o estudo é: A Educação Física pode ser utilizada de forma eficaz na percepção, no combate e na prevenção do *Bullying* no contexto escolar? Buscando uma resposta mais específica traçou-se o objetivo geral de analisar se a Educação Física pode ser utilizada de forma eficaz na percepção, no combate e na prevenção do *Bullying* no contexto escolar. De forma qualitativa, a pesquisa ouviu seis professores das escolas de Lucas do Rio Verde, no qual foram enviados questionários através das ferramentas digitais WhatsApp e e-mail. Os dados coletados foram que através das aulas é possível sim identificar potenciais agressores e vítimas, bem como ser utilizada de forma eficiente contra o *Bullying*.

Palavras-chave: Educação Física. *Bullying*. Ensino. Escola. Agressão.

1. Introdução

A violência é um assunto complexo, estando inserido nos mais diversos meios de comunicação e ganhando cada vez mais espaço em manchetes de jornais e noticiários.

Quando se trata do ambiente escolar, torna-se mais delicado devido às abordagens que devem ser tomadas, assim, nesse meio, ela é conhecida como *Bullying*. O governo tem implantado medidas de prevenção contra essas práticas, no entanto os numerosos casos de vítimas são alarmantes.

Os registros de *Bullying* vem crescendo catastroficamente nos últimos anos, sendo considerado um dos principais motivos de suicídio entre jovens e adolescentes. Pesquisas recentes, realizadas em 2019, destacam que 17% dos jovens que sofrem algum tipo de *Bullying* consideram tirar a própria vida como solução do problema. Difíceis de serem percebidos, visto que em muitos casos ele começa de maneira silenciosa, tornando-se maiores e mais preocupantes com o passar do tempo.

O grande crescimento de vitimização nas escolas juntamente com as tentativas de suicídios entre crianças e jovens, demonstra a necessidade extrema de discussões sobre o assunto, a fim de implementar intervenções para o combate dessa prática, principalmente em escolas, onde concentram-se os maiores registros de vítimas.

No ambiente onde o *Bullying* se propaga de maneira preocupante, o professor se faz peça fundamental ao combate dessas práticas, já que é na sala de aula em que crianças e jovens passam grande parte do seu dia. Mediante esta concepção, a questão que move o estudo é: A Educação Física pode ser uma ferramenta eficaz de combate ao *Bullying* no contexto escolar?

Por meio da problemática exposta o objetivo geral deste estudo visa analisar se a Educação Física pode ser uma ferramenta eficaz de combate ao *Bullying* no contexto escolar. Levando em consideração que é na escola onde o jovem passa grande parte do dia, sendo a Educação Física um dos principais momentos de interação escolar o presente trabalho traz como objetivos específicos: discutir formas de percepção, intervenção e de antecipação dessas práticas agressivas, identificar as características, tipos de vítimas e agressores a fim de criar um ambiente mais amigável e acolhedor para todos bem como de que forma as aulas podem ser utilizadas como ferramenta de prevenção.

O presente estudo justifica-se pela importância da Educação Física como ferramenta de transformação nos aspectos sociais, psíquicos e afetivos do sujeito. Além da preocupação com os motivos que levam grupos de alunos a se desinteressar das aulas práticas, por ter presenciado ou sofrido algum tipo de *Bullying*, a fim de saber dos efeitos causados ao indivíduo. Assim, pretende-se que através deste estudo professores reconheçam e utilizem a Educação Física como caminho de combate ao *Bullying* dentro do contexto escolar.

Bullying

Bullying é uma palavra de origem inglesa e derivada do termo bully, que tem como significado “*um indivíduo valente/intimidador, representado pela superioridade física, intelectual ou financeira, a fim de humilhar, ridicularizar ou violentar, causando uma sensação de tristeza, sofrimento e desprezo*” (LIMA, 2004 apud BONFIM et al., 2012).

Quando se pontua a prática do dia a dia das escolas do Brasil, esse termo é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato (NOMELINI et al., 2020). Sendo caracterizado como a materialização da interdição do corpo mediada por signos culturais que pautam o desrespeito e a diferença (VALLADÃO et al., 2020), abrangendo todas as manifestações de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, seja por maneira insistente ou perturbadora de uma ação, sem motivação aparente e evidente, dotadas de uma relação desigual de poder, seja físico, econômico ou social. Em alguns casos pode envolver desequilíbrio e a intenção de causar danos físicos, psicológicos, sociais ou educacionais (MONTERO-CARRETERO & CERVELLÓ, 2020, p. 2).

Para Silva et al. (2019), Nobre et al. (2019) e Valladão et al. (2020) definem como atos de “*tiranicar, oprimir, amedrontar, ameaçar, intimidar e maltratar*”, causando prejuízos psicoemocionais ao sujeito. Segundo Olweus (1993), pioneiro sobre esse tema descreve

[...] bullying possui características específicas e marcantes, que não o deixa ser confundido com demais tipos de violência, pois esse ocorre na maioria das vezes de forma intencional, repetitiva e há geralmente desequilíbrio de poder. É intencional, pois as ações são direcionadas a determinada pessoa, ou seja, não acontecem por acaso. É repetitivo e muitas vezes contínuo, pois geralmente acontece mais de três vezes com a mesma pessoa. E há desequilíbrio de poder em relação ao tamanho, força física, pois geralmente o autor é maior e mais forte fisicamente, e há divergência na quantidade que, em muitos casos, são dois, três ou mais indivíduos contra uma única pessoa (NOMELINI et al., 2020).

Para Crochík (2015) é uma prática de muita frieza, indiferença e desejo de destruir o outro frágil: “*é a negação de toda e qualquer identificação possível com o alvo, tal negação não significa ausência de paixão, mas seu sufocamento; a justificativa racional, nesse caso, é de que o outro não lhe diz respeito*” (BROERING, 2020).

Para Fante (2005) se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis e intimidadores, causando danos psíquicos aos envolvidos. No

entanto para Lopes (2011) *Bullying* está vinculado a comentários maldosos com intuito de ridicularizar o indivíduo por suas diferenças, com a peculiaridade de ser por prazer e diversão.

Deste modo para uma melhor compreensão desse tipo de violência é possível definir *Bullying* na forma de agressão na forma ações diretas e indireta. Na primeira enquadram-se agressões de caráter físico, como: empurrar, ferir, cuspir, chutar, beliscar ou bater; de caráter material, como: destroçar, furtar, quebrar ou roubar. E na segunda de caráter verbal, como: ofender, xingar, insultar ou apelidar ofensivamente; caráter psicológico, como: perseguir, humilhar ou aterrorizar; de caráter moral, como: difamar, discriminar ou caluniar; de caráter sexual, como insinuar, assediar, violentar ou abusar (ROLIM, 2008 apud BANDEIRA & HUTZ, 2010; GOMES & SANZOVO, 2013).

Desse modo pode ser classificado como direto e indireto, o direto é representado por apelidos, agressões físicas, roubos, ameaças, gestos que geram mal estar aos alvos, logo o indireto é representado por casos de isolamento, indiferença, difamação e negação aos desejos (BORGES & PALMA, 2021).

Os autores dessa ação (BOTELHO & DE SOUZA, 2007) (praticam *Bullying*) são indivíduos chamados de agressores, possuem pouca empatia, são considerados mais fortes o que dá vantagem em determinadas ocasiões, pertencem na maioria das vezes a famílias desestruturadas e com pouco relacionamento afetivo. Os alvos ou vítimas, são geralmente, pouco sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem a grupos, podem apresentar aspecto físico diferenciado dos padrões impostos (magro e/ou gordo), são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos devido a baixa auto-estima. Autores ou vítimas agressoras são aqueles que ora sofrem ou ora praticam o *Bullying*, já que tendem a encontrar indivíduos mais vulneráveis que eles para transferir as agressões sofridas. As testemunhas ou espectadores não sofrem nem praticam, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”(LOPES NETO, 2005).

Uma nova forma de bullying vem se manifestando nas escolas o “*cyberbullying*” são mensagens de celular, pager, sites de relacionamentos e blogs que usam a tecnologia para expressar comportamentos hostis (BORGES & PALMA, 2021). Para Lopes Neto (2005) e Fante (2005) as vítimas “*muitas vezes são subdivididas em vítimas passivas e vítimas agressivas, dependendo de sua reação típica, esta última categoria podendo se sobrepor às vítimas provocadoras ou intimidadores-vítimas*” (DEBARBIEUX & BLAYA, 2002, p.190). Pereira (2009 p. 46) caracteriza esses indivíduos como “[...]”

criança que em casa, normalmente, são expostas a violência doméstica e possuem pais punitivos.’’

A família tem grande influência em relação aos praticantes do *Bullying*, visto que o indivíduo adquire características do meio em que convive. O ambiente familiar é um espelho para as crianças, este deveria ser um lugar de amor, carinho e compaixão, entretanto isso não se faz presente na vida de todos indivíduos.

O conhecimento sobre o *Bullying* vem evoluindo significativamente, dando margem a questionamentos sobre o próprio conceito (BROERING, 2020), dando margem a vários questionamentos. Devido a essa complexidade fez-se necessário no Brasil a Lei 13.185 aprovada em 6 de novembro de 2015 (BRASIL, 2015) que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todas as redes de ensino de combate à intimidação sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, com objetivo de “*fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos*”. Segundo Brasil (2015) em seu Art. 1º e 2º fica instituído

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito (BRASIL, 2015).

Neste sentido, uma boa convivência em sociedade representa um desafio, sobretudo na escola que é responsável por refletir o pluralismo da sociedade, as diferenças pessoais, étnicas/culturais e econômicas. Para Nomelini et al. (2020) é necessário discutir “*violência em âmbito escolar implica enxergar a escola como espaço social, local de interação social e construção de ethos*”.

É na escola que indivíduo vai obter experiências e realizar relações de hierarquia, de igualdade e convívio com as diferenças, para dos Santos Cotia, Melo & dos Santos Carvalho, (2021) é na escola que constitui as condições propícias que poderão levar o indivíduo a apresentar desordens psicológicas, sociais, físicas ou emocionais.

Para possibilitar o desenvolvimento humano, é preciso que educadores e alunos dialoguem, realizem atividades conjuntas, interativas, que se tornem cada vez mais

complexas, conforme preconiza a teoria bioecológica (DOS SANTOS COTIA, MELO & DOS SANTOS CARVALHO, 2021). Para as pesquisadoras Fante & Ventura (2011) que menciona no livro “*Bullying - intimidação no ambiente escolar e virtual*” (DOS SANTOS COTIA, MELO & DOS SANTOS CARVALHO, 2021).

[...] o *Bullying* é um assunto de grande importância por ser capaz de ameaçar o desenvolvimento saudável da infância e da juventude em todo o mundo. Destacam, ainda, a relevância da formação de professores, tendo em vista que a prática acontece principalmente no espaço escolar e que gera consequências negativas para quem sofre; assim, é importante que, mesmo que a responsabilidade não esteja somente nas mãos de professores, que estes tenham um olhar atento sobre essa prática dentro da escola, principalmente dentro da sala de aula e na quadra de aula.

Monteiro & Luz (2019) salientam que a escola precisa ter consciência e identificar a existência do bullying como parte da dinâmica social, é um espaço de formação das relações educativas, desenvolve vínculos que podem ser positivos e negativos.

Contudo, levando em consideração o aumento de casos de *Bullying* nas escolas criou-se o Projeto de Lei 13.185 (BRASIL, 2015) que obriga as escolas a inserirem programas de prevenção dessas práticas, dessa forma já pode ser considerado um avanço importante nesse combate. Um dos meios de prevenção, por exemplo, pode ser as escolas prestarem total apoio aos alunos atacados com ações físicas enviando bimestralmente um relatório de registros de casos, para que assim seja possível uma discussão e planejamento de formas de intervir. No seu Art. 6º destaca que “*Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (Bullying) nos Estados e Municípios para planejamento das ações*” (BRASIL, 2015).

Bullying nas Aulas de Educação Física

As aulas de Educação Física estão entre as aulas preferidas da maioria dos alunos, por ser um momento de descontração, diversão e liberdade, sendo momento de enriquecimento cultural e fundamental à formação da cidadania juvenil. Entretanto, não é poupada das ocorrências de violência, em que os conflitos se iniciam, em sua maioria por razões fúteis. Para isso o professor de educação física deve estar plenamente apto a trabalhar com a diversidade de seus alunos, dando sua contribuição para a diminuição dessa violência e transmitindo valores morais e éticos (SILVA, 2017; DE OLIVEIRA, 2020).

Entretanto, destaca-se a importância de pensar sobre as escolhas a serem feitas

ao planejamento em relação à disciplina de Educação Física, devendo abranger um currículo multicultural, que possa atender às necessidades dos estudantes, de suas experiências pessoais e coletivas. Ferreira & Moreira (2002) em seus estudos ressaltam que

[...] aprender a aprender, aprender a ensinar, respeitar, valorizar, aceitar, questionar, refletir, jogar, repartir, brincar, sorrir, brigar, chorar, de forma integrada, experimentando sensações totalmente humanas, ora racionais ora subjetivas, através das atividades meio da Educação Física como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, entre outras, e buscando a essência humana o "homo ludens", é um dos caminhos metodológicos a ser trilhado (Ferreira & Moreira, 2002, p. 3).

Nesse aspecto Lisboa, Braga & Ebert (2009, p. 61) destaca que o *Bullying*:

Não pode ser confundido com brincadeiras de crianças, nem admitido como uma situação corriqueira e natural. A diferença, para observadores externos ao grupo de pares, entre o bullying e as brincadeiras de crianças, às vezes, é muito tênue; pode ser sutil ou imperceptível, mas não menos grave. No entanto, quando há sofrimento de qualquer um dos envolvidos não é mais uma brincadeira entre amigos. É necessário, portanto, que os professores e demais profissionais vinculados à instituição escolar estejam atentos à situação e busquem a interrupção desse processo (LISBOA, BRAGA & EBERT, 2009).

A prática de Educação Física para Gaya (1994, p. 33) exige uma “*filosofia com fundamentos axiológicos, de seleção e validação de conteúdos e conhecimentos capazes de estruturar técnicas de efetiva intervenção*”. Nessa premissa Botelho & Sousa (2007) destaca algumas atividades que podem ser clarificadoras, que levam os alunos a repensar suas atitudes e condutas, ressaltando o “respeito ao próximo”. Reforçando metodologias pedagógicas que promovam sentimentos de igualdade, justiça e reciprocidade, generosidade, amabilidade e solidariedade, privilegiando a autoconfiança, autoestima, capacidade de antecipação e resolução dos problemas, atividades lúdicas e artísticas que auxiliam na compreensão do quanto o bullying é nocivo a todos os envolvidos (SOUSA, 2007).

O professor trás junto de si, a função que vai além da psicomotricidade, ele é responsável na contribuição da formação de um cidadão, um indivíduo produtivo e ético, para isso o profissional deve transpor aos movimentos e entender o corpo do indivíduo não apenas como um objeto, mas como um depósito de sentimentos bons, tornando-o

um ser crítico, reflexivo e altruísta, para Perfeito (2011)

Não existe ensino, comunicação e aprendizagem sem entendermos o movimento, sua expressão, gestos, a fala, o olhar, o toque, enfim, o corpo por completo. Não como algo subjetivo, mas sim como um depósito de sentimentos de alegria e de tristeza que subsidiam, muitas vezes, suas ações (PERFEITO, 2011 p.85).

As aulas de Educação Física devem ser dotadas de significados, sejam sociais, emocionais, cognitivos, afetivos, psíquicos ou motores, através dela, muito se pode alcançar em relação aos sujeitos, para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018. p. 213).

Devido ao momento pandêmico atual, o isolamento social e consequentemente com as aulas não presenciais, deparamos com uma prática antiga que se faz ainda mais preocupante, o cyberbullying. É comum hoje em dia crianças terem perfis em redes sociais promovendo umas das formas mais comuns de interação com outros indivíduos. Entretanto essas ferramentas de socialização não possuem filtros suficientes à sua dimensão, dessa forma não há bloqueios eficientes aos conteúdos impróprios as crianças, fazendo com que o acesso a diferentes tipos de materiais seja ainda mais fáceis, entre os mais comuns estão: discursos de ódio, práticas preconceituosas, machistas e homofóbicas. De acordo com Silva (2010)

Os praticantes do cyberbullying se utilizam de todas as possibilidades que os recursos da moderna tecnologia lhes oferecem: e-mails, blogs, fotoblogs, MSN, Orkut, Youtube, Skype, twitter, MySpace, Facebook, Fotoshop, torpedos... valendo-se do anonimato, os bullies virtuais inventam mentiras, espalham rumores, boatos depreciativos e insultos sobre outros estudantes, os familiares desse e até mesmo professores e outros profissionais da escola. (SILVA, 2010, p.127)

A maior incidência de casos ocorre no período em que a criança entra na fase de adolescência, compreendida dos 12 aos 18 anos, essa fase é conhecida por alguns como “aborrecência” por se tratar de uma etapa com muitos questionamentos sobre regras e sua existência. É durante esse estágio que os desejos sexuais são visualmente

perceptíveis, dessa maneira os jogos de sedução entre os pares acontecem despertando muitos sentimentos. Mas, nem sempre o flerte é correspondido de forma igualitária, assim por não serem compreendidos, tornam-se gatilhos para ofensas e ataques.

2. Metodologia

A presente pesquisa empregou-se o método qualitativo, que segundo Richardson (2012, p.79), não emprega *"instrumental estático com base do processo de análise de um problema, não pretende enumerar nem medir unidades de categorias homogêneas, (...) sendo uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social"*.

O método de abordagem é dedutivo e a classificação com base nos objetivos é a pesquisa exploratória, pois ainda *"não se tem conhecimento sobre determinado tema e deseja conhecer o fenômeno"* (RICHARDSON, 2012, p. 66)

Esse estudo contou com metodologia de pesquisa de campo, apresentando um questionário eletrônico via Google Forms composto de nove perguntas a seis professores de Educação Física que atuam ou já atuaram em escolas públicas e particulares do município de Lucas do Rio Verde - MT, entre eles se destaca, um com nível mestrado e os demais com graduação em Educação Física, na qual reportaram a sua opinião sobre o assunto abordado, tanto quanto suas experiências docentes.

Está, conforme Gil (2008), procurando o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do ocorrido naquela realidade. Após a coleta de dados, as respostas foram analisadas e subdivididas em positivas e negativas em quadros, na qual foram denominadas de P1, P2, P3, P4, P5 e P6 para professores Educação Física do Ensino Fundamental - anos finais.

3. Resultados e Discussão

Percepção e Intervenção nas aulas de Educação Física

Através da problemática do presente estudo, foi possível identificar através dos resultados apresentados na Tabela 1 como o *Bullying* é percebido pelos professores em suas aulas de Educação Física.

Tabela 1 - Percepções do *Bullying* pelos Professores de Educação Física.

Indivíduos	Você percebe alguma forma de constrangimento ou humilhação recorrente entre os estudantes no ambiente escolar?
P1, P2, P5, P6	SIM: Ocasionalmente pela não aceitação da diferença. Ex: sexo, etnia, religião, condição social, etc...; É comum que na escola tenha algumas brincadeiras entre os alunos, mas algumas vezes elas extrapolam os limites; Sim. Percebo muito a questão dos famosos "apelidos" que ressaltam características que as pessoas se sentem envergonhadas em tê-las; Sim... algumas piadas ou formas de tratamento excludentes.
P3, P4	Não: Pelo momento não tenho percebido, mas gosto de observar as questões comportamentais dos alunos. Quando reparo que a algum caso de submissão eu abordo os alunos no exato momento; Não aconteceu nenhum tipo de constrangimento em minhas turmas

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Pode-se observar que quatro dos indivíduos estudados na pesquisa perceberam formas de humilhação recorrentes em suas aulas. Estas situações vão das brincadeiras que passam dos limites, os apelidos que relacionam algum aspecto e ou características corporais ou na forma de ser do estudante vítima da situação e os apelidos. Somente um dos professores escutados mencionou não ter esta percepção.

Como dito por perfeito, (2011 p. 65) “*Essas brincadeiras de mau gosto e suas consequências, denominadas Bullying irão criar ou ressaltar estigmas sociais em sujeitos pertencentes a tal ambiente.*” Sabe-se, conforme as contribuições dos autores, que os apelidos são as primeiras formas de evidências e de início do *Bullying*, geralmente por algum estereótipo que o indivíduo tem de diferente. O *Bullying* vem sendo camuflado por “brincadeiras” que passam despercebidos por alguns professores chegando em ponto prejudicial ao indivíduo em suas relações e em seu desenvolvimento.

Para Botelho & de Souza (2007) é importante que os professores elaborem estratégias para evitar estes problemas, como “*identificar os alunos em risco, evitar que se tornem vítimas e/ou agressores, identificar situações que poderão provocar o aparecimento de comportamentos negativos, criar mais de um horário de atividades e realizar atividades orientadas*” entre outras.

A prevenção destina-se a toda a comunidade escolar, de acordo com Custódio (2016) pode iniciar com a eliminação dos fatores que promovem esse tipo de

comportamento, promover o desenvolvimento das competências parassociais e interação interpessoal, incentivar o desenvolvimento de competências linguísticas, sócio comunicativas e procurando alcançar uma certa estabilidade emocional e psicológica por parte dos alunos. Na Tabela 2 mostra os resultados com relação às percepções quanto às agressões.

Tabela 2 - Percepção de agressões recorrentes.

Indivíduos	Se a resposta anterior for sim, essa forma de constrangimento e ou humilhação acontece de forma recorrente a determinados estudantes especificamente?
P1, P2, P6	SIM: Sim. Mais especificamente com aqueles que não atendem o padrão do grupo; O mais comum são os apelidos, às vezes colocados pela aparência ou pela cultura do indivíduo e chega um ponto de o aluno não ser mais chamado pelo nome; Sim. Geralmente estudantes homossexuais ou fora do padrão estético corporal imposto socialmente, por exemplo.
P3, P4, P5	Não: No ambiente em que eu trabalho não. Quando chegou a acontecer eu já abordei e no momento posterior não ocorreu mais; Não acontece em minhas aulas.

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Os pesquisados se mostram divididos quanto às ocorrências serem frequentes, três ressaltaram que existem casos recorrentes a alunos específicos, geralmente apelidos, ofensas sobre a sexualidade e estéticos, os outros três expressaram não ter nenhum tipo e quando houve foi aplicada uma interferência. É comum observar que as crianças se dão apelidos e se divertem com eles, no entanto alguns desses são feitos de forma mais agressiva como diz Silva (2010):

[...] eles brincam, “zoam”, colocam apelidos uns nos outros, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as brincadeiras são realizadas repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um” (SILVA, 2010, p.13).

É normal ter indivíduos que são mais chamados por apelidos do que pelo próprio

nome, geralmente são dados por alguma característica que o indivíduo apresenta, no entanto, alguns alunos extrapolam os limites e começam a ser violentos, mesmo que o agredido não goste, ainda continua sendo chamado por eles. Importante saber diferenciar as brincadeiras sadias das com más intenções, o principal indício são as risadas, a diferença está no momento em que todos riem juntos dá que todos riem de alguém. A identificação dos agressores está evidenciada na Tabela 3.

Tabela 3 - Identificação dos agressores.

Indivíduos	Os estudantes que realizam estas formas de constrangimento e ou humilhação têm características comuns?
P1, P2, P5, P6	SIM: Normalmente sim, são os mandões, os mais salientes em público, os mais fortes, ou que detém maior poder; Geralmente são os alunos mais indisciplinados, que não tem um acompanhamento familiar quanto a escola; Sim. Geralmente são os mais " engraçadinhos" e colocam os famosos " apelidos" nos colegas; Geralmente são opostos aos que sofrem o constrangimento ou humilhação.
P3, P4	Não: Não me deparei muito com estes casos. No momento específico em que tive que fazer minhas abordagens, os alunos são aqueles que acham ter intimidade com todos os demais e com os professores e setor administrativo da escola, e a partir disso menosprezavam aqueles que sempre são mais tímidos e calados; Não posso falar pelo motivo de não acontecer com minhas turmas.

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Dentre os pesquisados, quatro identificaram esses agressores como mandões, engraçadinhos e que não tem um acompanhamento familiar frequente, enquanto os outros dois expressaram não acontecer em suas aulas, e quando aconteceu foi por confundir a amizade com os professores e equipe escolar.

Fante (2005, p. 73) caracteriza os agressores como “*De ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de uma família desestruturada em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo.*”

Essa prática tem a tendência de se tornar ainda mais violenta e duradoura, a identificação dos agressores em fase inicial contribui para evitar futuramente que alguém

se torne vítima, essas ações podem vir desde observação quanto às características dos indivíduos até alguma metodologia de prevenção específica. A Tabela 4 destaca as experiências vividas por quem sofre com *Bullying*.

Tabela 4 - Experiências com *Bullying*.

Indivíduos	Na sua experiência docente, você já presenciou algum tipo de <i>Bullying</i> em suas aulas? Precisou fazer algum tipo de intervenção como forma de coibir ações e ou atitudes dos estudantes consideradas <i>Bullying</i> ?
P1, P2, P5, P6	<p>SIM: Sim. Principalmente relacionado à sexualidade, a maior intervenção é chamar para o diálogo, e principalmente dar exemplo de respeito com o outro;</p> <p>O mais comum é sobre a forma física do aluno, chamando-o de "gordinho", "baleia", é feito quando ele não tem um desempenho melhor que os demais nas atividades, quando o aluno começa a ser prejudicado para de ser apenas uma brincadeira, peço para que haja respeito um por outro e que se ponha no lugar dele;</p> <p>Sim. Uns apelidam os outros, pois é comum no meio social deles se tratam por "apelidos"... Nunca presenciei o <i>Bullying</i> resultando em agressão física,</p> <p>Sim. Desde o primeiro dia de aula é colocado sobre a questão do respeito, respeito às diferenças...e a importância de se tratar as pessoas como gostaríamos que fôssemos tratados... E se for preciso retomar o discurso em outras aulas assim é feito;</p> <p>Sim... algumas piadas ou exclusões, sim... intervir com uma roda de conversa para refletir sobre conviver com as diferenças e quanto isso é bom para cada um e como cada um pode contribuir para uma convivência respeitosa.</p>
P3, P4	<p>Não: Até este momento atuando como docente não. Mas não deixaria de abordar os alunos, fazer as devidas medidas e comunicar os pais e direção,</p> <p>Abordagens em relação a atitudes e competências já tive que fazer, até porque alguns alunos ainda não compreendem algumas situações de saber esperar o seu momento, a sua vez de poder desfrutar das atividades. Mas em relação ao <i>Bullying</i> não;</p> <p>Ainda não.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Podemos observar que quatro pesquisados relatam ter experiências com *Bullying*, as ofensas mais comuns são sobre a sexualidade, forma física, apelidos, piadas e a exclusão de alguns. Os mesmos contam que a intervenção foi através de conversas e

diálogos individuais e coletivos, pregando a prática respeitosa entre os indivíduos. Já os outros dois professores dizem não presenciar e se algum dia observarem irão abordar e intervir.

Lopes (2011, p. 66) diz que: “*Em alguns casos, tudo o que se precisa é uma simples palavra vinda do professor ou de um colega, para que o estudante perceba que o que está fazendo é algo errado.*” Os apelidos são o início do *Bullying*, os dados pesquisados demonstram características particulares do aluno, como por exemplo, o peso, tamanho, voz e cultura. À medida que tendem a ficar mais agressivos e principalmente a partir das reclamações da vítima, as primeiras medidas devem ser tomadas, pois a intenção inicial do agressor é humilhar e transformar o colega em chacota para a classe.

A intervenção mais comum é feita em forma de diálogo, cobrando respeito entre os alunos, no entanto, quando essas práticas ainda se mantêm, é necessária uma intervenção mais severa e punitiva, necessitando envolvimento da direção escolar. No entanto, para prevenir as ocorrências é necessária algumas ações que estão apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Prevenção a ocorrências de *Bullying*.

Indivíduos	Na sua concepção, acredita que há maneiras de prevenir a ocorrência do <i>Bullying</i> nas escolas?
P1, P2, P3, P4, P5, P6	<p>SIM: Muitas maneiras, primeiro detectando, depois sensibilizando os alunos, podendo até ter projetos específicos com esse objetivo; Projetos que mostram os diferentes tipos de pessoas que existem e que ser diferente é normal;</p> <p>Os professores devem estar atentos a mudanças de comportamentos dos alunos no ambiente escolar. A partir disso, aproximar e se tornar AMIGO de todos os alunos, faz com que ele saiba o que acontece na vida cotidiana de cada um, e a partir disso pode contribuir para não proliferar estas ações constrangedoras;</p> <p>Colocar no início suas regras;</p> <p>Sim. Trabalho em conjunto com todas as disciplinas e também com a família. Pois muitas vezes o <i>Bullying</i> vem como uma reprodução do que vivem no ambiente familiar...;</p> <p>Sim... com ações educativas que valorizem as diferenças entre as pessoas.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Foi unânime as respostas dos professores ao dialogarem sobre a possibilidade de prevenir o *Bullying*, dentre essas comentam sobre projetos de conscientização, trabalhos em grupo e criar uma relação de proximidade aos alunos para que se sintam confortáveis a falar sobre o assunto. Para que isso seja possível um projeto eficiente, é necessária uma participação global do meio em que o aluno vive, as ações conjuntas da família e ambientes escolares farão toda diferença no resultado. Assim, para Lopes (2011)

Não há projetos antibullying bem-sucedidos sem o envolvimento de toda comunidade escolar, professores, funcionários, pais e estudantes. Para o entendimento da importância da implantação desses programas nas escolas, a primeira medida deve ser a de conscientizar os professores sobre a natureza social do bullying e sobre a necessidade do estabelecimento de estratégias proativas, voltadas a sua prevenção, dentro do currículo, e reativas, que definam as condutas adotadas diante de incidentes identificados. (LOPES, 2011 p. 63)

A criação de projetos e oficinas contra as práticas agressivas são as mais comuns de se encontrar nas escolas, entretanto, pouco servem se não forem frequentemente induzidos aos alunos em todos os ambientes no qual ele convive, desde na sala de aula, no refeitório, nos parques, até em casa. Para que isso seja possível, a escola como um todo, deve aderir a essas práticas, alunos, professores, coordenadores, zeladoras e pais o que mostra na Tabela 6.

Tabela 6 - Educação Física como viés de construção de conhecimento para a prevenção e combate ao *Bullying*.

Indivíduos	As aulas de Educação Física Escolar com suas especificidades podem ser utilizadas como momento privilegiado na escola na prevenção e combate ao <i>Bullying</i> ?
------------	---

<p>P1, P2, P3, P4, P5, P6</p>	<p>Sim. Considero o ambiente da EDF o mais livre, por isso o bullying se manifesta mais. Sendo, portanto, o espaço onde deve haver maior intervenção;</p> <p>Atividades que exijam um bom trabalho em grupo, explorando ao máximo as capacidades das vítimas, fazendo que todos conheçam suas potencialidades também;</p> <p>Com certeza. A partir da educação física, com suas habilidades e competências a serem desenvolvidas, podemos tornar pessoas melhores e com as devidas ações, abordagens e atividades desenvolvidas podemos transformar cada vez mais os alunos em pessoas melhores;</p> <p>Sim, são aulas de formação de caráter;</p> <p>Sim. Por ser uma disciplina em que a maioria dos alunos estão disponíveis, se consegue trabalhar qualquer temática dentro do conteúdo ministrado;</p> <p>Com certeza, pois é um momento em que a maioria gosta de participar e onde as diferenças ficam mais visíveis. É um momento rico de aprendizagem</p>
---------------------------------------	--

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Ao se tratar das aulas de Educação Física como privilegiada no combate ao *Bullying* todos os pesquisados concordam que sim, complementam que por ser um momento livre fica mais visível as diferenças entre os alunos. É nas aulas práticas onde *Bullying* mais acontece, por isso, torna-se uma oportunidade de ser feita as intervenções no intuito de coibir e formar um indivíduo melhor. Educação Física traz consigo além do desenvolvimento motor a formação de caráter do indivíduo como dito por Perfeito (2011)

Pensar nas diversas possibilidades do corpo nas aulas de Educação Física é refletir sobre o quando e como ensinar as inúmeras áreas científicas pertencentes a esta atividade. Assim, educamos mais tarde o aluno a se “portar” como cidadão social, priorizando a cooperação, respeitando e entendendo os seus sentimentos e o dos outros (PERFEITO, 2011 p. 86).

Por se tratar de um momento de liberdade do aluno em que o espírito de competitividade adentra em seus corpos, às aulas traz consigo a maior tendência de que haja algum tipo de agressão, com tudo se torna também um excelente momento para observar e identificar os grupos agressores e os grupos de vítimas. Na Tabela 7 é identificada os grupos

Tabela 7 - Identificando grupos.

Indivíduos	Pesquisas mostram que existe um pequeno grupo de alunos que não se sentem confortáveis durante a aula. Em suas aulas, você já identificou algum estudante evidenciando este sintoma?
P1, P2, P5, P6	<p>SIM: Sim. Alguns se retraem e preferem se afastar, vão guardando o sofrimento sozinhos. É fundamental a intervenção do professor e da escola nesses casos;</p> <p>Sim, geralmente são os alunos mais quietos na sala, que não tem um bom desempenho em atividades físicas, se sente excluído pelo resto do grupo;</p> <p>Sim. Já tive alunos que durante as aulas preferiam ficar desenhando... Pois não conseguiam se identificar com ações básicas da disciplina como: correr, saltar, pular etc;</p> <p>Sim. E quando percebi criei mecanismos de inclusão, conforme cada situação, para que o mesmo construísse um sentimento de pertencimento na escola.</p>
P3, P4	<p>Não: Alguns alunos chegaram a adentrar minha aula tristes desanimados, mas nada relacionada a ação de constrangimento de algum aluno para ele;</p> <p>Não, não ocorreu.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Questionados sobre terem presenciado situações de autoexclusão, os professores P1, P2, P5 e P6 presenciaram sim esses momentos, deixam claro algumas características destes indivíduos, como por exemplo o isolamento como resultado de seu mal desempenho quanto às aulas de Educação Física e completam a importância da intervenção do professor e a preocupação com inclusão desde em sua aula. Os docentes P3 e P4 não testemunharam essas ações relacionadas ao *Bullying*, pois o isolamento ocorreu, mas relativo a outros assuntos.

O medo da rejeição e não aceitação faz com que grande parte dessas vítimas não se abra sobre o que tem passado, sofrendo assim em silêncio, como dito por Perfeito (2011).

Muitos, ao passarem por momentos estigmatizantes, sofrem calados, se isolando em casa, sempre em silêncio devido à vergonha e o medo de saírem de seu domicílio e se depararem com um novo episódio de preconceito. Em vez de reagir e procurar órgãos competentes, muitos se afastam, iniciam um processo patológico de depressão e acabam abandonando a metodologia de ensino (PERFEITO, 2011 p. 66).

A transmissão de confiança do professor ao aluno pode ajudá-lo a se sentir confortável e contar as ocorrências, mas podem também estar passando por outro problema, o recebimento de ameaças caso conte a alguém, observar esses grupos e se aproximar deles fazem com que consiga mais informações sobre o aluno e entender os reais motivos do seu desinteresse das aulas. O resultados referentes ao Cyberbullying nas aulas remotas é apresentado na Tabela 8.

Tabela 8 - Cyberbullying nas aulas remotas.

Indivíduos	Estamos passando por um momento pandêmico, onde as aulas estão sendo realizadas de forma remota, assim dando oportunidade para a prática do cyberbullying, que é a ocorrência do <i>Bullying</i> nas redes sociais. Em suas aulas, já testemunhou alguma prática, ou recebeu algum relato de ataques de algum aluno de forma a caracterizar este tipo de violência?
P1, P3	SIM: Sim. Principalmente formando grupos nas redes sociais com a finalidade de denegrir. Muitos se aproveitam da impunidade e do anonimato para violentar o outro. Por isso o cuidado nestes tempos tem que ser redobrado. O cyberbullying é o <i>Bullying</i> potencializado, e causa situações irreversíveis; Sim. O aluno conseguiu através de dados eletrônicos, entrar na conta de outros alunos e denegrir a imagem dos demais. Ele chegou a fazer associações da imagem do aluno a animais e a homossexuais e só foi descoberto por que a parte de T.I. da instituição associou os IP dos computadores ao acesso. Mas também porque o professor percebeu as mensagens e comunicou a direção e ao pessoal de T. I.
P2, P4, P5, P6	Não: Não recebi; Ainda não; Não. Até o presente momento não.; Não.

Fonte: Dados da Pesquisa 2021

Quanto a prática do Cyberbullying apenas P1 e P3 presenciaram, e dizem que a prática é facilitada com o anonimato e que chegou ao ponto em que hackearam a conta de um colega e fizeram comparações homofóbicas. Já os demais pesquisados dizem não ter percebido nenhuma dessas práticas. O cyberbullying tem características muito semelhantes ao *Bullying*, porém, de acordo com Neto (2011) possuem especificidades próprias.

A prática do cyberbullying mostra algumas especificidades próprias, relacionadas a agilidade na velocidade da transmissão das informações, à sua grande capacidade de disseminação e ao fato de as agressões com base em textos e imagens conterem maior concretude, permanecendo acessíveis por mais tempo e permitindo a reprodução e a retransmissão (NETO, 2011, p. 32).

A maior parte das preocupações dos jovens hoje em dia está relacionada a sua imagem nas redes sociais, pois necessitam ter um perfil badalado, em alguns casos acabam se expondo até demais para isso. Para que se tenha um perfil popular, o agressor tenta ridicularizar os demais perfis fazendo comentários, comparações maldosas e espalhando falsos boatos, isso também acontece por se tratar de uma idade de descobertas, onde começam a ter sua identidade sexual afirmada, e com essas humilhações fazendo que “diminua” a concorrência, já que nem todos vão querer ser próximos da vítima por medo de serem atacados também. Os resultados da escola contra esse tipo de ação são mostrados na Tabela 9.

Tabela 9 - Escola contra o *Bullying*.

Indivíduos	Considerando que os danos causados pela agressão podem ser carregados para uma vida toda, acha que na escola em que atua o assunto <i>Bullying</i> tem tomado uma posição de importância?
P1, P2, P3, P4, P5	<p>SIM: O <i>Bullying</i> nas escolas já vem se tornando uma questão de saúde pública, devido a frequência de sua ocorrência, e os males que causam, inclusive levando as vítimas ao suicídio;</p> <p>Sim, é feito oficinas e trabalhos em grupo para que melhorem a interação entre os grupos de alunos e sempre pontuando a importância de respeitar o próximo;</p> <p>Sim. Tratar sobre os assuntos com os alunos e pais pode diminuir os acontecimentos fatídicos em nosso ambiente de trabalho; A escola tem que tratar todos os assuntos de maneira objetiva; Sim. Com campanhas dentro das escolas o índice sempre reduz. Mas é preciso também identificar quem comete e buscar entender se não existe por trás de tudo isso um desajuste familiar;</p>
P6	Não: Nos últimos anos o assunto está mais evidente na escola, porém é preciso mais ações educativas para prevenir e combater o <i>Bullying</i> .

Fonte: Dados da Pesquisa 2021.

Entre os pesquisados, cinco deles concordam que em suas escolas o *Bullying* tem

tomado uma posição de importância, utilizando de conversas, oficinas e campanhas, pois se trata de uma questão de saúde, apenas um pesquisado respondeu que em sua escola tem essa preocupação, no entanto é preciso mais ações de prevenção e de combate. Para Silva (2010)

No sistema escolar, encontramos outro micromundo, uma subdivisão denominada universo dos estudantes. Infelizmente, em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou particulares, deparamo-nos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades desiguais. No mundo dos estudantes, três classes costumam se distinguir de forma bem marcada: os populares, os neutros e os excluídos (SILVA, 2010, p. 79)

Para que se tenha uma estratégia de combate realmente eficiente é necessário que se tenha observado as principais ações dos agressores, assim criar projetos específicos a essas ações em foco e coibi-los será uma forma direta e eficiente. Ressaltando que a escola toda deve funcionar em prol do projeto, já que para os alunos os mais velhos são vistos como exemplos a serem seguidos.

4. Considerações Finais

Evidencia-se, portanto, que conforme não se encontrou todas as respostas para a presente pesquisa, fez-se necessário apresentar algumas considerações que se mostram pertinentes conforme com o que se buscou estudar com *Bullying* e especificamente nas aulas de Educação Física, bem como entender se através desta é possível identificar os personagens dessa fatídica relação e de qual forma as aulas poderiam ajudar a preveni-las e combatê-las. A partir disso, faz-se importante retornar a problemática: A Educação Física pode ser utilizada de forma eficaz no combate ao *Bullying* no contexto escolar?

Após embasar-se nas bibliografias voltado ao assunto e pesquisar com professores que presenciam nas escolas, notou-se que as aulas de Educação Física são sim uma excelente forma de identificar, combater e prevenir o *Bullying*, uma vez que nas aulas é o momento de maior liberdade e interação que os alunos têm.

O estudo realizado tem de grande valia a professores que atuam, que irão atuar, acadêmicos, e leitores que se interessam por abordar um assunto tão vivo em nossa sociedade que não está se tomando sua devida importância, já que os números de diagnósticos com jovens com casos graves de depressão, ansiedade, problemas psicológicos, e até mesmo de atentados nas escolas tenham aumentado grandemente nos

últimos anos.

A criação da lei 13.185 de 2015 onde obriga as escolas a criarem projetos contra essas práticas foi um passo importantíssimo contra o *Bullying*, no entanto, esses projetos não podem ser colocados somente no papel em determinadas épocas, é necessário que esse seja um projeto que dure todo o percurso escolar do aluno para que ao entrar e sair do âmbito escolar carregue consigo as consequências dessas práticas as demais pessoas, bem como as vítimas saberem que podem contar com a escola no combate a esses ataques.

Referências Bibliográficas

BORGES, R. & PALMA, O. J. A. V. Título: Educação Física e a Educação em Valores: Prevenções contra o Bullying. Educação Física e a Educação em valores: prevenções contra o bullying, Londrina, PR, 2011.

BOTELHO, R. G. & DE SOUZA, J. M. C. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. Revista de Educação Física/Journal of Physical Education, v. 76, n. 139, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): 4.1.3. Educação Física, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica>. Acesso em maio 2021.

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei nº 2.848, 1940. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em maio de 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: DOU, 9.11.2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em maio de 2021.

BROERING, L. J. Percepção dos professores de educação física em relação aos alunos com obesidade nos anos finais do ensino fundamental, 2020. Disponível em repositorio.ufsc.br. Acesso em junho 2021.

CONFED - Conselho Federal de Educação Física. Educação Física pode frear o bullying escolar, 2017. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/comunicacao/clipping/1082>. Acesso em maio de 2021.

CUSTÓDIO, A. F. P. Prevenção do bullying em contexto escolar. Tese de Doutorado da Instituto Superior de Educação e Ciência, 2016. Disponível em comum.rcaap.pt. Acesso em junho 2021.

CROCHICK, J. L. & CROCHICK, N. Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamim Editorial, 2017.

DA SILVA, J. L., & BAZON, M. R. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. Revista Educação Especial, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017.

DE OLIVEIRA, P. F. da S. BULLYING: O NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE O TEMA POR PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Temas em Educação Física Escolar, v. 5, n. 2, p. 86-104, 2020.

DE OLIVEIRA, W. G. “Que Time é Teu?”: O Bullying e a Homofobia nas Aulas de Educação Física ESCOLAR. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO_EV137_MD1_SA20_ID905_13112020141355.pdf. Acesso em junho 2021.

DOS SANTOS COTIA, J., MELO, F. T. & DOS SANTOS CARVALHO, S. C. Bullying na Educação Física Escolar: Concepções, Fatores, Presença e Estratégias de Professores da Educação Básica. Revista Ciências & Ideias v. 12, n. 1, p. 99-112, 2021.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e Educar para a paz. São Paulo: Verus Editora, 2005.

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7. ed. Campinas: verus, 2012. FANTE, C. & PEDRA, J. A. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, S. R., & MOREIRA, H. A prática pedagógica da educação física: Seu impacto sobre as concepções de corpo em mulheres de diferentes gerações, 2002. Disponível em <http://www.motricidade.com/index.php?option=comcontent&view=category&id=48:docencia&layout=blog&Itemid=90&layout=default>. Acesso em junho 2021.

GAYA, A. Mas afinal, o que é educação física? Revista Movimento. UFRS, Porto Alegre, RS, 1994.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008. IBDFAM - Instituto Brasileiro De Direito A Família, 2019. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/>. Acesso em maio de 2021.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Rio de

Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 8, n. 5, p. 164-172, 2005.

LISBOA, C., BRAGA, L. de L. & EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 2, p. 59-71, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100007. Acesso em junho 2021.

LOPES NETO, A. A. *Bullying: saber identificar e como prevenir/ Antônio Aramis Lopes Neto*, São Paulo: Brasiliense, 2011.

MONTEIRO, M. P. G. & LUZ, A. A. Prevenção do Bullying escolar: tecendo saberes da cultura da paz na perspectiva da complexidade. *Momentos: diálogos em educação*. v. 28, n. 3, set/dez, 2019.

NOBRE, R. C., PEREIRA, L. C., NUNES, C. V., DE ALMEIDA ANDRADE, R., & DA COSTA DANIELE, T. M. Estudo sobre o bullying, conceitos e aplicações na escola e nas aulas de Educação Física. *Lecturas: Educación Física Y Deportes*, v. 24, n. 258, 2019.

NOMELINI, Q. S. S., DE SOUZA CUNHA, N. S., FERNANDES, R. M., DE OLIVEIRA, R. R., SANTOS, C. C. R., & AGUENA, M. S. Bullying e a percepção dos estudantes Mato-Grossenses. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, 2020.

OLWEUS, D. *Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, Southampton (Inglaterra), n. 35, p. 1.171-1.190, 1994.

PEREIRA, S. M. de S. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus, 2009.

PERFEITO, R. S. *Educação Física e o Bullying - A Desutilização da Inteligência / Rodrigo Silva Perfeito; [capa CBJE]. - 1ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2011.*

RIBEIRO, N. A. *Cyberbullying: práticas e consequências da violência virtual na escola*. 2018. 245 f. Tese (Programa Stricto Sensu em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: Métodos E Técnicas*. 3ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, A. B. B. *Bullying: Mentas perigosas na escola / Ana Beatriz Barbosa Silva*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, J. L. da, OLIVEIRA, W. A. de, ZEQUINÃO, M. A., LIZZI, E. A. da S., PEREIRA, B. O., SILVA, M. A. I. Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de Bullying Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. *Trends in Psychology/ Temas em Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 509-522, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/tpsy/v26n1/2358-1883-tpsy-26-01-0509.pdf>. Acesso em maio de 2021.

SILVA, P. F., FRELLER, C. C., ALVES, L. S., SAITO, G. K. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 44-56, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150129>. Acesso em junho 2021. SILVA, J. L. & BAZON, M. R. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.5902/1984686X28082>. Acesso junho 2021.

SILVA, C. R. da. Bullying e Educação Física na escola. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2017. Disponível em <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13086/1/20762287.pdf>. Acesso em junho 2021.

SILVA, V. C. G. Violência escolar, bullying e violação de direitos humanos no cotidiano escolar. / Vanessa Costa Gonçalves Silva. Cuiabá, 2019.

VALLADÃO, R., FIDELIS, M., CACCAVO, R., DE LIMA, R. M., MAIA, T. V., TAVARES, S. F. Bullying entre alunos do Ensino Superior: um estudo com graduandos do curso de Educação Física. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 25, n. 264, 2020.